

portfolio

paulo valeriano

2026

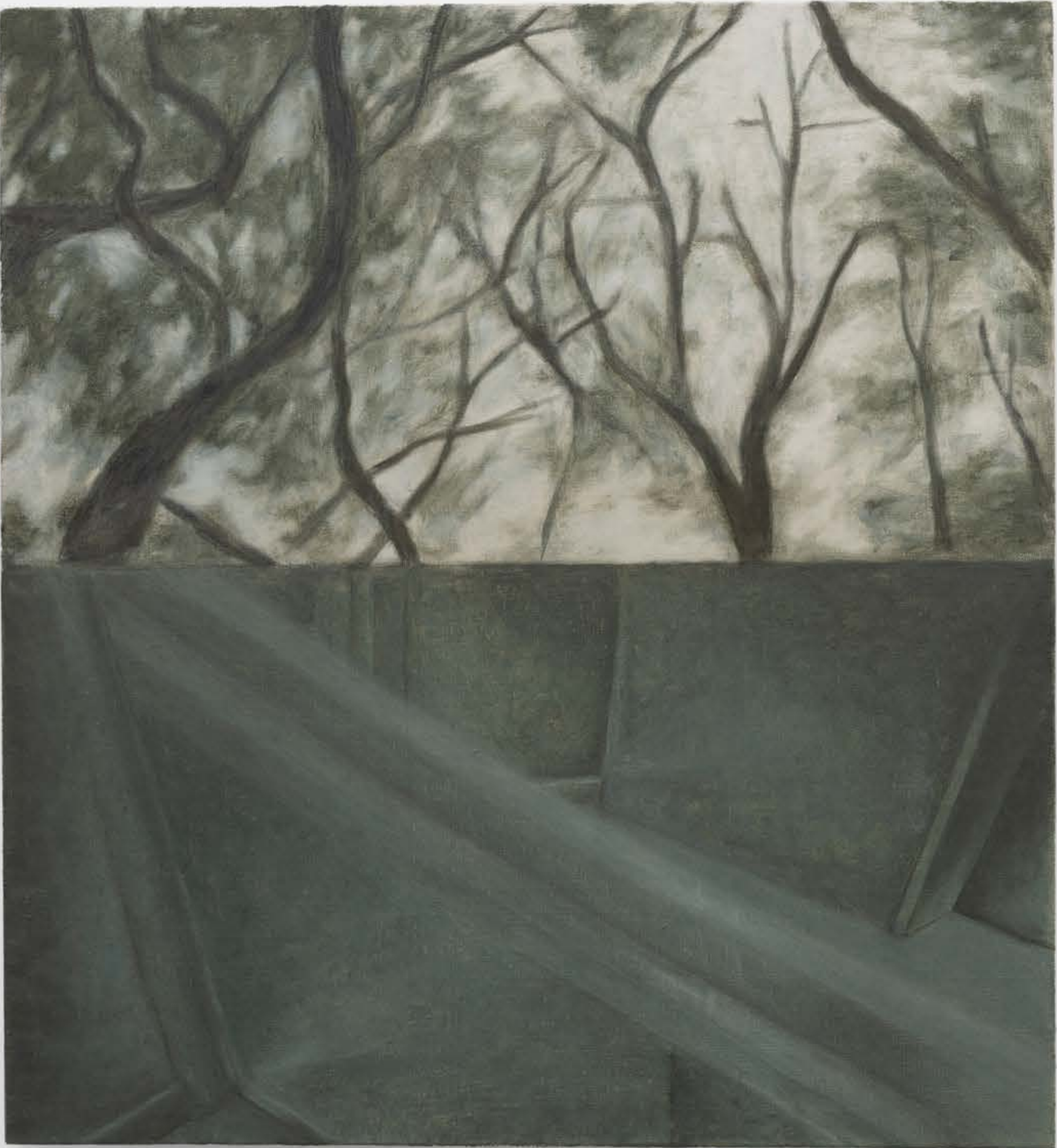


Nunca, certamente, desde que o mundo é mundo (estou falando do mundo sensível, tal como nos é dado a cada dia), não, nunca, qualquer que seja a mitologia vigente, o mundo, nem por um único segundo, suspendeu seu funcionamento misterioso.

Francis Ponge

Quanto ao mais, acredito que não há nada mais surreal, nada mais abstrato, do que a realidade.

Giorgio Morandi





O que é visível na pintura – assunto, linguagem, serviço, técnica – é apenas aquilo de que ela foi feita. O que de imediato não vemos é a pintura. Ela é feita para o olhar de quem a faz e fica pronta quando se conclui sua possibilidade, tornando-se visível. Até esse momento ela é processo inconcluso, pois qualquer coisa ainda pode ali acontecer. Ela começa a existir exatamente quando terminada, não antes.

É a esse lugar instável que quero retornar para comentar a pintura de Paulo Valeriano, tomando a fragilidade como atributo. Nenhuma fraqueza, apenas a natureza delicada e quebradiça das coisas e das criaturas humanas, a permanente transformação da matéria denunciando o corpo vago, a morte à espera, a vacuidade da vida, a iminente transformação. Um romantismo sem qualquer drama, apenas um fato.

Visitei seu ateliê pela primeira vez há poucos meses e ele me pediu que escrevesse algo sobre seu trabalho, reconhecendo a proximidade de interesses. A empatia determina o aprofundamento do olhar e encaminha a descoberta dos sentidos implícitos e em comum, mas, só agora, no processo que a escrita demanda, dimensiono a qualidade de sua produção.

Persistem no trabalho de Paulo Valeriano a fragilidade da imagem que ameaça desfazer-se e a paisagem reduzida à lembrança, isenta da grandiosidade dos largos espaços reais e da perspectiva arrebatadora. A redução da área de pintura, ocupando apenas um trecho recortado dentro da tela, preserva o trecho por onde podemos avistar uma ideia de paisagem. É o prenúncio de um mundo que ameaça se desmanchar diante de nossos olhos e que não conseguimos acudir: a verdadeira noção de nossa contemporaneidade.





Penso na pintura como modo de perceber. Penso também na pintura como poema, e vice-versa. São pinturas sobre ver o mundo. São pinturas sobre ler o mundo. São pinturas sobre pintar o mundo, e sobre o que o ato de pintá-lo impõe sobre ele. O que essas representações de imagens do mundo agregam às coisas do mundo.

São pinturas dotadas de uma bruma, acredito que pelo fato de não ser possível, jamais, ver o mundo por inteiro. Temos acesso apenas a breves recortes. As imagens são sempre dotadas de movimento, o tempo sempre corre, as coisas sempre desaparecem. São pinturas sobre formas de perceber o mundo. A partir do fragmento, a partir do movimento, a partir do recorte, a partir da interrupção, a partir do ruído, a partir do rastro, a partir da incompletude.

Resgato uma pergunta que fiz a mim mesmo há alguns anos:

o que acontece quando buscamos representar o que não vemos?

Hoje, talvez pense que não seja concretamente possível tal representação; a não ser que ela possa estar contida nesses breves fragmentos. Como se a constatação da possibilidade das coisas desaparecerem no tempo, no rastro, no recorte, na interrupção, no ruído, talvez nos desse uma pista sobre como se parecem essas coisas que não podemos ver.



Seeing Is Believing

The symbolic order is assured as soon as there are im-ages, in which one unfailingly believes, for belief itself is an image: the two sorts of image are constituted by the same processes and start with the same terms: memory, sight, and love or will. —Julia Kristeva

Memory, because we remember primarily through im-ages, and we believe what we remember (sometimes to our detriment); sight, because “Seeing is believing», and love, because believing grows from the same root as loving.

Belief involves the acceptance of something as true. It comes from the strong agreement of the intellect, but the intervention of the will is always required to convince the intellect to agree.

The origin of the proverb “Seeing is believing” is lost in the mists of time. When it first appeared in print, it was already being quoted as an ancient saying. As Cervantes said, “A proverb is a short sentence based on long experience.”

The year this proverb was first printed in English is usually given as 1609, in an unpublished manuscript by S. Harward (now housed in the library of Trinity Col-lege, Cambridge), where it emerges as “Seeing is leeving:” Leeving is loving. The term comes from the Indo-European root leubh, meaning “to love or desire”: the Anglo-Saxon leof, English lief, is “dear,” “beloved.”To believe is to hold dear. Believing is loving.

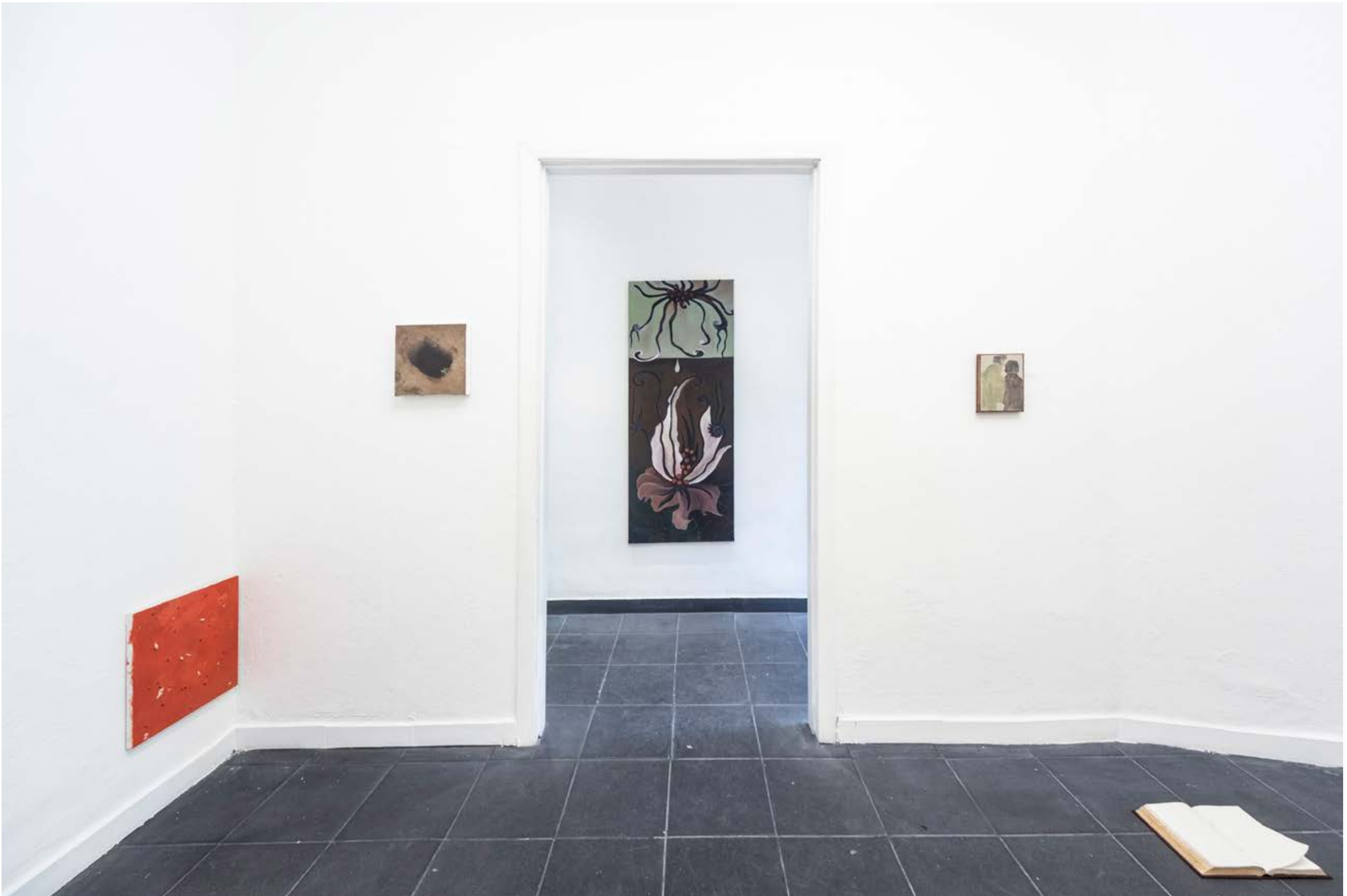




Beijo Óleo sobre linho 20 cm X 15 cm 2025

Há muitas imagens, como esta, que não se oferecem de imediato: permanecem em alguma parte, deslocadas, ligeiramente fora de foco, suspensas entre o que aparece e o que está prestes a desaparecer. É desse lugar intermediário que esta exposição se aproxima. em vez de nos perguntarmos o que elas mostram, interessa-nos observar como elas respiram, onde hesitam, onde se interrompem, quais são os vazios por onde o ar circula. Trata-se, então, de fazer ver a palavra, ou melhor, de pensar a palavra como ar. Como tão bem definiu pasolini, a linguagem antecede a palavra: ela nasce na respiração, no gesto, no ritmo do corpo.

Trecho do texto crítico para a exposição coletiva ‘Em alguma parte’, por Juan Casemiro 2025



Vista da exposição coletiva ‘Em alguma parte’ Marli Matsumoto Arte Contemporânea. São Paulo - SP
Organização de Juan Casemiro 2025





O vídeo pode ser acessado em <https://vimeo.com/749669512?fl=pl&fe=sh>



Antúrios IV

Óleo sobre juta

25 cm X 27 cm

2025



Vista da exposição coletiva 'Canto do mundo'
Curadoria de Mariana Siqueira

Casa Niemeyer. Brasília - DF
2025





A superfície de tecido esticado em um chassi determina a área quadrangular como espaço onde será contido o assunto de interesse. Um recorte do olhar, um limite para o que ali será organizado. Quando o artista reduz a pintura a uma fração dessa superfície, deixando à vista o tecido ao redor, forma-se um tipo de redemoinho, o olhar transitando ao redor da área pintada. A paisagem restrita a essa área menor comporta-se como fragmento a ser completado e o panorama afunda-se ainda mais distante da realidade a que supostamente se refere, recolhe-se à ideia de paisagem. Apoia-se nas lembranças, destina-se à imaginação, às suposições do que as formas pintadas podem ser.

Ralph Gehre

Detalhe de ‘Horizonte’

Sete pinturas em óleo sobre linho



Ambas as fotografias por Samuel Esteves

Dimensões Variáveis

2024





A pintura sempre se apresentou, para mim, como um campo de experiência, um espaço de encontro entre presença e vacuidade, memória e distanciamento. A imagem parece se desfazer no instante em que se torna visível, frágil como aquilo que escapa ao limite da percepção. A paisagem se apresenta como um fragmento, um resquício de algo que nunca se fixa inteiramente. Nunca uma mera representação, mas um corpo que oscila entre figura e abstração, entre a materialidade da superfície e a profundidade da imagem.

Influenciado pelo cinema e pela ideia de ‘campo’ e ‘extracampo’, investigo o que acontece quando se representa aquilo que não se vê, quando a imagem é mais uma sugestão do que uma afirmação. Recentemente, tenho explorado cenas que oscilam entre registros pessoais e imagens apropriadas, criando um território híbrido entre memória e ficção. Pintar uma cena é reconfigurar um instante, ressignificar sua existência, deslocá-lo do tempo e inseri-lo em um novo fluxo de relações. O diálogo entre imagens de filmes, trechos de livros e fragmentos da minha própria vida, cria camadas de sentido onde apropriação e lembrança se confundem.

Através da pintura, busco um modo de olhar que sustente a tensão entre o efêmero e o permanente, aquilo que a paisagem — e a própria pintura — sempre foram: um lugar de passagem, de paragem, de perda e de reinvenção.



Noite ou Buriti

Óleo sobre linho

75 cm X 81 cm

2024

Paulo Valeriano (Brasília, 1999), vive e trabalha entre Brasília e São Paulo.

É artista visual, formado em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB) e em Fotografia pelo Centro Universitário IESB. Inicia suas investigações pictóricas em 2020, quando se aproxima também de temas ligados à noção de paisagem — gênero tradicional que orienta grande parte de seu desenvolvimento técnico e poético, permanecendo como eixo central de sua pesquisa. Nos últimos anos, amplia esse campo de interesse, permitindo que ideias acerca do espaço, do corpo, da percepção e da imagem, desenvolvidas ao longo da pesquisa acerca da paisagem, agora emerjam em outros tipos de figuração.

Participou de exposições em instituições e espaços independentes no Brasil e no exterior, como o Museu Nacional Honestino Guimarães (DF), MAB FAAP (SP), Casa Niemeyer (DF), Marli Matsumoto Arte Contemporânea (SP), Quadra Galeria (SP), Gisela Projects (SP - NY), Verduyn Gallery (Bélgica), Galeria Index (DF), Casa de Cultura da América Latina (DF), e outros. Em 2025 integrou a Residência Artística FAAP, na FAAP (SP) e, em 2024, a Residência Delirium, no Espaço Delirium (SP). Em 2023 participou da FARGO (Feira de Arte Goiás), no estande da Galeria A Pilastra. Seu trabalho compõe o acervo do MAB FAAP, em São Paulo.



